



"d'orfeu - Associação Cultural"
Rua Dr. Elísio Súcena, 90
3750 Agueda
☎ 603164

ROTEIRO DOS INSTRUMENTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES

Guia da Exposição de Instrumentos Tradicionais
Fundação Dionísio Pinheiro
7 a 21 Janeiro 1996

TEXTOS

Artur Fernandes
Luís Fernandes
André Madeira

BIBLIOGRAFIA

Oliveira, Ernesto Veiga de; "Instrumentos Musicais Populares Portugueses"
Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

INSTRUMENTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES

A análise do panorama músico-instrumental de Portugal conduz-nos a fazer uma distinção fundamental: nas populosas terras baixas do Noroeste, do Minho ao Tejo, a uma canção género profano, puramente lúdica e de tipo recente, aos contornos melódicos simples de um diatonismo elementar e aos ritmos coreográficos regulares e vivos, estão associados os cordofones populares - a viola, o cavaquinho, a rabeca e espécies mais modernas: a guitarra portuguesa e a viola de fado, etc.; nas terras altas do Planalto Ibérico ao Nordeste, de Trás-os-Montes, a norte, passando pelas Beiras interiores até ao Alentejo, a sul, mais isolados e preservados, a canção é dum tipo mais arcaico, de linhas severas com muitas reminiscências modais e entoações microcromáticas, prevalecem os velhos instrumentos usados nas actividades pastoris: em Trás-os-Montes (Nordeste), a gaita de foles, e dentro de uma área restrita, o tambor bordão com a flauta tocados pelo mesmo homem, e o pandeiro (bimembrafone sobre caixa quadrada); nas Beiras, o adufe (nome local do mesmo pandeiro) - que servem igualmente a música lúdica e as ocasiões cerimoniais, festas religiosas e a liturgia popular destas regiões.

Esta distribuição parece fazer surgir uma coincidência entre o carácter da cultura e da música por um lado, e dos instrumentos por outro, nestas duas regiões. Portanto, nós encontramos a gaita de foles com muita vitalidade em todo o Noroeste - aliás, com um reportório não adaptado ao instrumento - acompanhando as festas religiosas populares, procissões, a visita pascal, etc. (das quais são exclusivos); e simetricamente vemos a Este, a viola que, embora rara, acompanha um género lúdico local que se parece com a canção das terras baixas. Parece que podemos considerar os cordofones populares em geral como instrumentos específicos da música profana e de expansão lúdica ou lírica, com exclusão de todo o uso cerimonial; ao passo que as outras categorias, nomeadamente a gaita de foles, o "ensemble" tambor-bordão e flauta, o pandeiro quadrado (e mesmo toda a série dos idiofones menores), tudo servindo igualmente a música lúdica das festas e das danças profanas, são portanto admitidos sem objecção às funções mais austeras, como instrumentos cerimoniais e mesmo, em certos casos muito raros, instrumentos sacros.

Este carácter dos cordofones, que nós descobrimos nos casos actuais, afirma-se também historicamente: a *viola* foi o mais importante dos instrumentos trovadorescos, para as suas canções líricas; ao longo dos séculos ela viu-se sempre nas ocasiões estritamente profanas, danças e divertimentos, serenatas, cantos amorosos, para esquecer as alegrias ou as tristezas.

MINHO

No Noroeste e sobretudo no Minho, os instrumentos tradicionais, no que diz respeito a este género que assinalámos como sendo a música característica da região e com o comportamento geral dos seus habitantes, são essencialmente os cordofones, nas tocatas de romaria (ou rusgatas, festadas, rondas, estúrdias, súcias conforme as localidades), sem nenhum cerimonial, muitas vezes improvisadas. Estas surgem em inumeráveis circunstâncias, a caminho de qualquer romaria, nos ajuntamentos de pessoas ou em certos trabalhos colectivos e compoem-se (sem qualquer prescrição estrita) de viola braguesa, cavaquinho (no Minho), violão, ocarina, tambor pequeno, ferrinhos, reco-reco, castanholas (também no Minho).

Presentemente, estes instrumentos têm desaparecido progressivamente, substituídos pela harmónica e, principalmente, pela concertina e acordeão, instrumentos importados e sem quaisquer características regionais, organizados numa feição extrema e exclusiva de linhas tonais. Parecem ter, por isso, vindo ocupar o lugar dos velhos cordofones locais. O reportório destes novos instrumentos é constituído por espécies que antes se ligavam à viola e seus congéneres; e as suas particularidades não só os tornam inutilizáveis para qualquer fórmula musical de tipo arcaico, mas operam mesmo, nas canções de que se apropriaram, uma distorção muito sensível, que altera a sua linha melódica e quaisquer peculiaridades rítmicas, transformando-as no sentido do seu diatonismo elementar e fácil, e da sua quadratura uniforme e pobre, e anulando todas as suas possíveis originalidades anteriores. Na faixa litoral do Alto Minho, o único instrumento melódico que hoje se ouve nas rusgas, bailes de terreiro, romarias e outras festas, é a concertina.

Na região de Guimarães, as rusgas qualificadas são precedidas pelo homem do zuca-truca ou "cana de bonecos" ou "monecos", pau da cana vistosamente ornamentado e com uma espécie de êmbolo ligado a bonecos articulados, dos quais se penduram castanholas que tocam com os movimentos que se imprimem a esse êmbolo, semelhante ao "brinco" madeirense.

Na região de Ponte de Lima a "ronda" que vai com o "compasso pascal" toma, sob o ponto de vista instrumental o aspecto de uma verdadeira "rusga", compreendendo a viola, o cavaquinho, o bandolim, a rabeca, duas flautas e dois violões, que se ouvem ao lado do sacerdote e da cruz, entre os toques da campainha, e na procissão final do "recolhimento", acompanhando os cantares do "Bendito" e da "Aleluia", entoados pelo povo, entrando mesmo a tocar dentro do templo.

Em Terras de Basto, para certas festividades religiosas, vimos, além das vozes, um conjunto

dirigem, sob o "alpendre", ou nas voltas que dão à capela, a par com os guiões, atrás do sacerdote mas nunca dentro do templo).

Além do adufe, encontra-se nesta província a flauta transversal dos pastores, e duas outras formas instrumentais particulares: Os grupos das festas do Espírito Santo, e a dança de genebres (espécie de xilofone, com uma série de paus redondos maciços de tamanhos crescentes, de cima para baixo, enfiados numa tira de couro formando colar) no pequeno lugar de Lousa, perto de Castelo Branco. As festas do Espírito Santo são celebrações meio religiosas, meio profanas. O elemento musical destas festas estava ao cargo de um tambor que sublinhava esta declamação, e que, dentro de certas localidades, estava acompanhado de outros instrumentos - violas beiroas ou "bandurra", chins-chins, trinchos (género de sistro), etc. A viola beiroa é atributo essencial das danças rituais da Lousa, na festa da Senhora dos Altos Céus, nas mãos dos dançadores homens. Ainda a viola beiroa acompanha o cantar das Janeiras.

Na Beira Baixa vê-se hoje com frequência a concertina que conhece uma difusão maior que a viola em determinadas ocasiões cerimoniais.

Em certos lugares do concelho da Sertã, os rapazes solteiros, nas noites da quinzena que precede o carnaval, organizavam a "ronda" - grupo musical composto de pífaros, tambores, harmónios, chocalhos e latões velhos, e corriam a população, tocando e cantando canções populares.

Também a sul de Castelo Branco pode-se mencionar a flauta travessa de seis furos e em alguns casos, hoje extremamente raros, a palheta (com palheta dupla que fica à vista e sobre a qual se aplica directamente a boca), ambas de carácter pastoril, a primeira de uso muito corrente, geralmente sozinha, como passatempo individual, mas que podia por vezes aparecer em ocasiões cerimoniais, como por exemplo, a sublinhar o coro das "alvíssaras" na Páscoa.

BEIRA LITORAL

Na Beira Litoral, sobretudo na região de Coimbra, encontram-se três formas musicais principais: a gaita de foles, acompanhada igualmente de caixas (em número menor), de carácter semelhante aos Zés Pereiras do Minho, igualmente com cabeçudos e gigantones, que ainda há poucos anos tocavam nas missas de aldeia e também nas grandes festas académicas da cidade. Os Zés Pereiras aparecem um pouco por toda a Beira Litoral, com maior predominância a Norte.; a "viola toeira" com o cavaquinho para conjuntos instrumentais do género das rurgas do norte e onde se incluem mais tarde as concertinas; e o instrumental do fado de Coimbra - fado canção ou serenata académica, assentando em conceitos de um saudosismo romântico que se fundem na paisagem real e lendária da cidade, ligados à boémia académica - muito diferente do fado de Lisboa, de um melodismo mais delicado mas menos original, compondo-se também da guitarra portuguesa e da viola de fado.

Nas zonas de montanha, nos vales do Vouga e Águeda, encontram-se corais "a capela" a 3 ou 4 vozes com ornamentos próprios de cada aldeia.

ESTREMADURA

Na Estremadura, o acordeão de botões triunfa, mas a gaita de foles tem ainda alguma importância; ela encontra-se sempre a solo e figura nas peregrinações da região, pelo que constitui elemento musical tradicional. As pessoas vão em cortejo em carroças decoradas e o gaiteiro a tocar; ele toca ao longo do caminho, à chegada ao santuário e no interior do templo, outras vezes mesmo durante a missa. Na Nazaré, têm-se encontrado alguns instrumentos de percussão particulares: a garrafa com garfo, cântaro percutido com abanador, pinhas, etc. - que acompanham os cantos dos pescadores à noite, a sair das tabernas.

Em Lisboa, desde o século XVIII ouvia-se a viola, onde até há setenta anos se ouvia também a gaita de foles. Existe hoje em dia um único instrumental popular, recente, mas de muita importância: a guitarra portuguesa e a viola de fado.

RIBATEJO

No Ribatejo, encontramos o acordeão de botões, e sobretudo as gaitas de boca a que dão pitoresco nome de "piano de cavaliça" com alguns instrumentos de percussão particulares como pandeiretas, cântaro percutido com abanador, cana aberta longitudinalmente a meio, cujas pontas, habilmente manejadas, se entrechocam, e que faz as vezes de castanholas. A forma musical predominante é a dança do "Fandango".

ALENTEJO

A música característica do Alentejo, justamente célebre, é uma polifonia vocal - geralmente masculina - sem acompanhamento. No entanto, existem três formas musicais secundárias, que não têm nada a ver com este género musical, mas são também de grande importância: Tambor-bordão com a flauta, tocados só por uma pessoa; o pandeiro quadrado; e a viola campaniça. O tambor-bordão com

composto por violas braguesas, guitarras, rabecão, bombo, tambores, pratos e ferrinhos e por vezes mais instrumentos ainda.

No Minho ainda, encontramos a gaita de foles, que se faz sempre acompanhar de um conjunto de caixas e bombos, conjunto a que chamamos Zés Pereiras e que tocam nas grandes festas religiosas ou municipais da província, procissões, cortejos, visita pascal, etc.. O seu repertório não tem nada de particular: nem formas litúrgicas, nem danças tradicionais, nem mesmo velhos romances, mas canções vulgares que todos conhecem e às quais apenas o carácter do instrumento empresta legitimidade cerimonial. Aos Zés Pereiras associam-se, geralmente, os "gigantones" e "cabeçudos", que os precedem com as suas momices e que, de sua natureza originária, parecem possuir carácter cerimonial. Normalmente, os Zés Pereiras só tocam de dia, mesmo porque o sol é necessário para a boa sonoridade da "pancadaria" dos bombos e das caixas. Marcando uma tendência progressiva, os velhos e típicos gaiteiros e Zés Pereiras evoluem e adoptam novos instrumentos, mais de acordo com o gosto musical dos nossos dias, transformando-se num outro conjunto aperfeiçoado, que leva o nome de "charanga" em que a gaita de foles é apoiada por clarinetes, a caixa substituída por uma tarola metálica, o bombo de proporções mais reduzidas, e incluem-se os pratos.

No Minho encontram-se também formas corais apenas vocais - "Modas de Terno" e de "Romaria".

DOURO LITORAL

Em todo o Noroeste, a "chula" é o nome genérico de uma forma musical, instrumental, vocal e coreográfica, as múltiplas variantes locais (nas quais Pe. Bernardes faz alusão, interditando-a dentro das igrejas no séc. XVII). Na zona compreendida entre o Douro e o Tâmega, a "chula" possui um carácter mais definido, nomeadamente, o conjunto instrumental específico do tipo das rusgas apresenta uma composição mais precisa, compreendendo além da "viola amarantina" (semelhante à braguesa mas com a boca em forma de bois corações), o tambor e os ferrinhos - e além do cantador e da cantadeira que cantam ao desafio, entre longos estribilhos instrumentais, uma espécie própria e exclusiva: a rabeca chuleira, violino com braço muito curto e escala muito alta, que sublinha melodia e enriquece de ornamentos e variações muito rápidas e agudas, improvisadas ou adaptadas de outras músicas, mas transformadas de acordo com o estilo particular da chula. De introdução mais recente é o violão assurdinado com pestana no sexto ou sétimo ponto, de forma a elevar a sua escala de acordo com a rabeca chuleira.

É nas rusgas que os jovens vão à vila para as inspecções militares e, na região dos vinhos do Douro, os grupos contratados nas aldeias da montanha que vão fazer as vindimas, deslocam-se tocando e cantando ao longo da estrada, com o cesto das uvas à cabeça, em rusgas também, embora com um carácter um pouco diferente.

Na zona da chula (Douro Litoral) encontramos também os Zés Pereiras com funções paralelas às dos Zés Pereiras do Minho, a quem chamam "pancadaria", mas, tocam aqui sem acompanhamento da gaita de foles, nem mesmo de outro instrumento melódico. Estes bombos são famosos pelo seu brio nas festas locais; são tão grandes que têm de ir apoiados sobre a coxa direita do tocador. Quando este caminha, levanta a coxa provocando verdadeiros saltos no bombo onde ele bate com a masseta deixando as peles ensanguentadas.

Em certas zonas do Douro Litoral, nomeadamente a região de Cinfães e da Serra de Montemuro, encontram-se formas corais apenas vocais - "Cantas" e "Cramois" - de estrutura polifónica arcaica, por vezes extremamente antigas.

TRÁS-OS-MONTES

Em Trás-os-Montes, a Norte e a Este de Bragança, encontram-se três formas instrumentais principais: a gaita de foles, (com escala irregular e incerta que traduz sem dúvida as imperfeições de fabrico) igualmente com as caixas e os bombos ou, além deles, pandeiros, ferrinhos, conchas, castanholas ou paus. A gaita de foles é, nesta região, instrumento mais importante nas grandes festas, danças dos pauliteiros, procissões, peditórios, ofícios religiosos, festas de rapazes e danças de velhos, que nos actos de menor divertimento; O tambor-bordão com flauta, numa área restrita perto da fronteira espanhola - zona de Miranda, com funções parecidas às da gaita de foles; e o pandeiro, bimembranofone com moldura quadrada, essencialmente feminino, por acompanhar toda a espécie de cantos de festa, que se faz geralmente acompanhar por conchas que se friccionam uma contra a outra.

BEIRAS INTERIORES

Este mesmo pandeiro, sob o nome de adufe e com carácter igualmente feminino, é por sua vez o instrumento primordial das Beiras interiores e, actualmente, sobretudo da Beira Baixa.

Aqui, ele é tocado com grande mestria, imaginação e paixão, mais nas festas profanas (acompanhando velhas canções, muitas vezes de tipo arcaico qualificado), que nas cerimónias religiosas (visitas pascais, peregrinações religiosas, alvíssaras etc. em frente da igreja, à vista da imagem a quem se

flauta, que dentro desta província, não se encontra a não ser na região trans-Guadiana (concelhos de Moura, Serpa e Barrancos), com um carácter cerimonial exclusivo; o tamborileiro alentejano é bastante pobre musicalmente: uns curtos desenhos musicais no pífaro, de feição arcaica e muito rudimentares, ligeiramente diferentes de terra para terra, mas sempre iguais dentro de cada uma delas, correspondentes aos vários toques que constituem as suas funções, e que o bater rítmico do tamboril acompanha. Em cada aldeia onde ele existe, participa apenas na festa do padroeiro local; é ele quem marca o início das festas, percorrendo as ruas para dar a alvorada (toque de "alvorada"), anunciar o peditório (toque de peditório" ou de "rua"), e acompanha a procissão (toque de "procissão").

A viola campaniça toca-se da mesma forma que as do Norte, e pela sua forma, aproxima-se da viola beiroa, afirmando-se igualmente como instrumento de expansão lúdica ou lírica. E sobretudo, serve um género musical ("modas" e "despiques") que, pela sua vivacidade e carácter aberto, é perfeitamente estranho à nostalgia severa dos coros clássicos da região. Usa-se também nos peditórios para as Almas em Serpa.

O pandeiro do Alentejo, que é um instrumento raro, é morfologicamente parecido com o adufe das Beiras (ainda que muito mais rico em decorações), e igualmente feminino; mas ele tem, como o de Trás-os-Montes, um carácter exclusivamente de festa, fazendo-se ouvir no Norte da província por ocasião dos santos populares.

Assinale-se ainda, nesta mesma província, os instrumentos de percussão particulares que indicámos também na Estremadura (a garrafa com garfo, pilões metálicos, etc.) que se encontram em certos locais. É também nas zonas de fronteira do Alentejo que subsiste a sarronca (cântaro com pele friccionada por cana, com óbvias referências fálicas), ligada possivelmente, na sua mais remota origem (tal como ainda hoje em certos casos africanos e afro-americanos) com o culto dos mortos, e que, nas arcaizantes províncias do leste, são ainda instrumentos do ciclo natalício - herdeiro em alguns dos seus elementos cerimoniais, desse culto -, tocados mesmo na igreja, durante a missa do galo.

ALGARVE

À parte do uso esporádico da flauta do tipo da travessa de seis furos - o "pífaro" ou a "gaita" -, o instrumental da região para os cantares, danças, festas cíclicas e arraiais, compõe-se principalmente, do acordeão de botões e da harmónica de boca - o "fole" e a "flauta", e também, por vezes, do violão e percutivos, tambor e ferrinhos, e instrumentos de tuna, bandolim, banjolin e outros. Em Alportel, para os cantares das Janeiras e Reis os grupos compõem-se de violões, guitarras, bandolins, harmónios e ferrinhos, às vezes também a garrafa com dois garfos de ferro enfiados no gargalo. A forma musical predominante é a dança "Corridinho".

ILHAS

Na ilha da Madeira existe o correspondente ao cavaquinho com os nomes de Rajão, Braguinha, Braga, Machete, Machete de Braga ou Cavaquinho.

O Brinco é o idiofone representativo da Madeira. Outro idiofone que surge também na ilha são as Trambonelas.

Nas ilhas dos Açores é bastante forte a tradição de construção de cordofones, essencialmente a Viola da Terra, instrumento por excelência dos Açores, cujas aberturas na caixa são normalmente em forma de lira.

Por todo o país se encontram vários idiofones comuns a todas as regiões, tais como:

Castanholas, globulares, de cabo ou direitas, para acompanhar a dança; percutivos diversos, ferrinhos, formas de fantasia, etc.; gaitas de amolador e outras, usadas por porqueros, guarda-soleiros ou vendedores ambulantes de sardinhas, frutas, e quejandos; "reclamos" de caça; brinquedos e assobios; cornetas e funis, apitos, ruge-ruges, reque-reques, búzios, campainhas, cornos de chamada e de sinal, para certos trabalhos rurais, refeições de malteses e moços de lavoura, convocações de companhias de pesca, avisos de bordo, etc.; sarroncas; castanholas, matracas e relas, zaclitracs e trambonelas, cegaregas diversas, etc., algumas litúrgicas, que se usam na semana santa dentro das igrejas e nas procissões da Paixão, e que não raro, cumpridas as suas funções mais sérias, servem também à sua hora, barulheiras e troças, carnavais e brincadeiras, serrações da velha, assuadas, arruacices e outras irreverências.

Também por todo o país se encontram as "tunas" - formações musicais constituídas por instrumentos de corda, essencialmente, bandolins, bandolas, bandoloncelos, violões, violinos, rabeças e rabeção. Mais tarde, foram introduzidos instrumentos de sopro provenientes das bandas: flautas, clarinetes e saxofones.